



| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| Ano | 2014 |
| Local | Porto Alegre |
| Título | Uma leitura do estranho em “The fifty-ninth bear”, de Sylvia Plath |
| Autor | MARIANA CHAVES PETERSEN |
| Orientador | SANDRA SIRANGELO MAGGIO |

Este trabalho analisa os elementos que contribuem para o caráter insólito do conto “The fifty-ninth bear” (1959), de Sylvia Plath. Na narrativa, tem-se um casal, Sadie e Norton, cujo relacionamento dá mostras de um certo desgaste. Eles passeiam por um parque, no qual estão acampados, e um de seus passatempos é contar os ursos que veem por lá. Sadie aposta que irão encontrar, no total, cinquenta e nove ursos, ao passo que Norton acredita que irão encontrar setenta e um. À noite, ele tenta afastar um urso de seu carro, motivado por sentimentos de posse em relação a sua supostamente frágil esposa, uma vez que o animal mexia em um chapéu dela. Norton é morto pelo urso, e o narrador deixa transparecer um triunfo, relacionando Sadie ao animal: este seria o quinquagésimo-nono urso segundo sua contagem. Conforme Todorov (1970), o fantástico ocupa o tempo da incerteza; ao se escolher entre as leis naturais ou o sobrenatural, entra-se no território do estranho ou do maravilhoso. No primeiro caso, as leis da realidade permanecem intactas, permitindo explicar o fenômeno descrito: é onde se enquadra “The fifty-ninth bear”, na categoria do estranho ou, mais precisamente, do estranho-fantástico, visto que o leitor é levado a acreditar na intervenção do sobrenatural por meio do narrador. Outros elementos do conto se aproximam do estranho [Unheimlich] de Freud (2006), como o retorno do recalcado entre o casal, expresso pelo urso de Sadie, e as repetições da mesma coisa – especialmente a do número cinquenta e nove. Segundo o autor austríaco, nossa impressão é alterada quando um número se repete em um curto espaço de tempo, levando a uma sensação do estranho, a uma busca por seu significado secreto. Na narrativa, cinquenta e nove é o “símbolo de plenitude” de Sadie (o número a que ela sempre recorria em hipérboles e apostas), assim como o número do urso que mata Norton. O estranhamento da leitura também é intensificado pelo espaço e pela atmosfera criados na e pela narrativa. A Sadie, são atribuídas características que podem ser aproximadas à “Mulher” de De Lauretis (1994), construindo um ambiente essencialmente opressivo ao masculino, que contribui para sua vingança. Esta ocorre quando os sentimentos reprimidos da esposa em relação ao comportamento do marido são vingados por *seu* urso, o quinquagésimo-nono. Tem-se, por fim, uma paródia do ideal de “casamento criativo” (BRITZOLAKIS, 1999), que dialoga com outros escritos de Plath, assim como com eventos de sua própria vida.